

Flávio Aguiar¹

Apresentamos a seguir uma série registros fotográficos sobre a casa de campo de Bertolt Brecht e Hélène Weigel na Alemanha, depois do retorno do exílio de ambos, com o fim da Segunda Guerra Mundial e a queda do nazismo na Europa. Desde seu retorno, Brecht e Weigel viveram/desfrutaram de três casas. A mais famosa, não a primeira, foi a casa na Chaussestrasse 125, em Berlim, compartilhada com Hélène. Brecht e ela criaram um pequeno mundo todo particular, em vários aspectos. Ela ficava perto do Berliner Ensemble, onde as peças dele eram apresentadas com regularidade. Além disto, ela ficava ao lado do cemitério onde Brecht queria ser enterrado depois de morto, o que de fato aconteceu. É um cemitério dotado de certa fama: ali já estavam e estão enterrados os filósofos Hegel e Fichte. Também ali jazem os ases da arquitetura neoclássica e romântica berlinense, prussiana e futuramente alemã, Karl-Friedrich Schinkel (1781 - 1841) e Friedrich August Stüler (1800 - 1865), além de Heinrich Mann. Agora ali também estão, por exemplo, Herbert Marcuse e Heiner Müller, além de outras personalidades proeminentes da cultura alemã, como Anne Seghers.

Do escritório onde datilografava seus escritos, através da janela, Brecht via o cemitério de Dorotheenstädtfriedhof, ao lado, e o exato lugar onde seu corpo seria enterrado, como o de Hélène. Ou seja, Brecht ambicionava jazer, depois de morto, num dos espaços assinalados do cânone germânico. Conseguiu: ali ele e o corpo de sua companheira repartem seu último leito. Em vida, pelo menos no final, isto não acontecia: eles não compartilhavam o quarto de dormir, embora continuassem compartilhando o palco e o amor.. Antes desta casa da Chaussestrasse, Brecht morou também com ela numa

¹ Flávio (Wolf de) Aguiar nasceu em Porto Alegre, em 1947. Formou-se em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, onde fez também mestrado e doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada, tornando-se professor da Casa, no programa de Literatura Brasileira, a partir de 1973. Fez pós-doutorado na Universidade de Montreal, no Canadá. Aposentou-se em 2006. Atualmente mora em Berlim, onde é correspondente de várias mídias brasileiras. É escritor e tradutor, tendo ganho individualmente o prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro por duas vezes (ensaio, em 1984, e romance, em 2000) e mais duas vezes em obras coletivas. E-mail: wolfdeaguiar@yahoo.com.br.

casa descrita como de estilo “neo-clássico”, na Berlinerstrasse 185, em Weissensee. Esta casa é hoje uma propriedade particular, enquanto a da Chaussestrasse virou um museu aberto à visitação.

Há ainda uma quarta casa de Brecht, também um museu, aquela onde ele nasceu, na cidade de Augsburg, na Baviera.

Além daquelas duas, depois de seu retorno à Alemanha, o casal desfrutou de uma casa de campo, na bucólica cidade de Buckow, a 50 km a leste de Berlim, na fronteira com a Polônia, hoje também um museu aberto à visitação. Ela é conhecida como a “Brecht-Weigel-Haus”. Sua construção data do começo do século XX, num estilo conhecido como “Heimatstils”, “Estilo da terra natal”. Tem dois pisos e uma mansarda no sótão.

Construída às margens de um dos muitos lagos da região, ela oferecia um local que Brecht e Weigel procuravam para passar o verão de modo produtivo, ao mesmo tempo descansando das suas atividades em Berlim e recebendo convidados para debater seus trabalhos e projetos. O casal adquiriu a casa no começo dos anos 50, ao mesmo tempo em que se mudavam para a casa da Chaussestrasse na então capital da Alemanha Oriental. A Casa era conhecida também como “A Casa de Ferro”, “Der Eiserne Haus”, por detalhes e adereços de sua construção.

Como de costume, tinham aposentos separados. Weigel tinha seu quarto de dormir no segundo piso desta casa. Brecht dormia na vizinha “Casa do Jardineiro”, que hoje ainda existe, mas não faz parte do museu que ali se instalou desde 1977, não podendo ser visitada. Na propriedade havia também um galpão aos fundos, onde Brecht costumava trabalhar e que hoje abriga peças vitais, como a indumentária de Weigel na estreia de “Mãe Coragem”, bem como a carroça usada nela. Além disto, há filmes da montagem e outras peças do cenário que ali são exibidos.

Brecht e Weigel partiram para o exílio em 1933, logo depois da ascensão dos nazistas ao poder federal na Alemanha. Viveram primeiro em Praga, na Tcheco-Eslováquia, a seguir na Dinamarca, na França, na Suécia e na Finlândia, até sua partida para os Estados Unidos. Brecht já era um dramaturgo e diretor bastante reconhecido na Alemanha. Hélène Weigel ainda não era uma atriz muito conhecida. Depois de seu retorno à Europa, com o fim da Segunda Guerra e do regime nazista, e com a fundação do Berliner Ensemble em Berlim Oriental, o trabalho de ambos - ele na poesia, na

dramaturgia, na direção e na teoria teatral, e ela como atriz - passou a alcançar renome mundial.

Quando Brecht morreu, de um infarto do coração, em 1956, aos 58 anos de idade, Weigel assumiu a direção das duas casas - a de Berlim e de Buckow - bem como do Berliner Ensemble. E continuou a reinar na cozinha, em ambas. Até pouco tempo atrás o restaurante que há no porão da Chaussestrasse 125, hoje fechado (temporariamente, esperemos) oferecia suas receitas culinárias, de grande fama. Em prédio ao lado, há uma sala onde se realizam conferências e debates com regularidades sobre temas culturais e políticos da atualidade.

Em Buckow, além do descanso e da frequência aos seminários e discussões com intelectuais convidados e amigos, organizados na maioria por Weigel, Brecht dedicou-se à poesia. Escreveu uma série de poemas conhecidos como “As elegias de Buckow”. Numa delas, “A solução”, ele registrou sua decepção com algumas das atitudes do regime comunista, embora fosse um ardente defensor dele, depois da brutal repressão contra o levante operário de 17 de junho de 1953, em Berlim Oriental, na qual foram utilizados tanques soviéticos:

“Depois do levante de 17 de junho
O Secretário da União dos Escritores
Mandou distribuir panfletos da Stalinallee
Em que se podia ler que o povo
Perdera a confiança do governo
E só poderia tê-la de volta
Com esforços redobrados.

Neste caso, não seria mais fácil
Para o governo
Dissolver o povo
E eleger um outro?”

As “Elegias de Buckow” são 23 poemas, escritos num momento de madura reflexão sobre a passagem do tempo, com a fugacidade da vida paradoxalmente aliada à capacidade dos sentidos, sobretudo do olhar, da audição, de reter a memória do que descortinam. Estes poemas de Brecht lembram a definição da origem da poesia dada pelo poeta britânico William Wordsworth: “Emotion recollected in tranquility”, “emoção recolhida em tranquilidade”. Eis alguns exemplos, livremente traduzidos:

Ruído

Depois, no outono, as gralhas em bando vem nidar
/nos álamos prateados.
Mas durante todo o verão,
Como não há pássaros por aqui
Ouço apenas o ruído das pessoas se movendo.
E isto me satisfaz.

Dia de calor

Dia de calor. Com a caderneta sobre os joelhos,
/eu me sento no quiosque.
Um barco verde atravessa minha vista entre as folhagens,
Na sua popa uma pesada freira com roupas pesadas.
Diante dela, um homem idoso, em traje de banho,
/provavelmente um padre.
No banco, remando com todas as forças, um menino.
Como nos velhos tempos!, penso eu como nos velhos tempos!

Abetos

Ao alvorecer,
Os abetos enrubescem.
Assim eu os via, acobreados,
Meio século atrás,
Antes de duas guerras mundiais,
Com a juventude em meu olhar.

Lendo Horácio

Nem mesmo o Dilúvio
Durou para sempre.
Um dia se foram
As águas negras.
Mas com certeza, muita pouca coisa
Durou mais tempo!

Podem-se ver aí alusões explícitas ou veladas às guerras que abalaram a Europa e a Alemanha, ao nazismo (“o Dilúvio”, “as águas negras”, cor dos uniformes da SS), ao lado da incrível capacidade de sobrevivência do ser humano e da memória. E se estas vastas ou pequenas emoções são “recolhidas em tranquilidade”, como no dizer de Wordsworth, naquele aprazível recanto da casa de Buckow, elas renascem ou nascem temperadas pela permanente ironia do olhar de Brecht, que sempre o acompanhou nos poemas, na dramaturgia e na direção. Vê-se, de frente, o, olhar de quem sobreviveu à hecatombe que

quase destruiu o mundo, ao exílio, à perseguição macarthista, e até mesmo aos desmandos do governo da Alemanha Oriental, sem renegar suas ideias e seus ideais.

O visitante de hoje à Casa de Brecht se vê confrontado, em primeiro lugar, com um recanto bucólico e tranquilo, às margens de um extenso lago, rodeado por colinas ao longe, e uma casa no centro de um jardim florido no verão. Só se pode visitar o primeiro piso, onde há o grande salão das reuniões, junto com a cozinha e outras dependências. No centro do salão, móveis antigos, como cadeiras e mesa do século XVIII, mostram um ambiente requintado, mas sóbrio. O jardim é acolhedor, espaçoso, levando ao lago e ao galpão já mencionado.

Passado tanto tempo desde a morte dos dois, Brecht e Weigel, passado também tanto tempo dos tumultuados acontecimentos do século XX que eles viveram, pode-se pensar nestas emoções, como eles fizeram, “recolhidas com tranquilidade” mas ao mesmo tempo com o seu fervor criativo que até hoje alimenta o teatro mundial.

As fotografias nas páginas a seguir são de autoria de Flavio Aguiar e Zinka Ziebell².

2 Zinka Ziebell nasceu em Estrela, Rio Grande do Sul, em 1953. Formou-se em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em 1979 mudou-se para a Alemanha, onde veio a ser professora de português do Brasil na Universidade Tecnológica de Berlim, na Universidade de Bremen e na Universidade Livre de Berlim. Nesta defendeu doutorado em 1994 analisando a literatura de autores do século XVI sobre o Brasil colonial, sobretudo da tradição protestante. Sua tese saiu em livro pela Editora da UFRGS, “Terra de canibais”, em 2002, tendo ganhado o prêmio Açorianos da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre em 2003. É co-autora, com Rosa Cunha-Henckel do livro/antologia “Português Tropical”, de apoio ao ensino da língua, publicado em 2013 pela ACIBRA/Berlim, com apoio da Embaixada do Brasil na Alemanha e do Itamaraty.



Fotos 1 e 2. Casa de campo de Brecht/Weigel, na cidade de Buckow, perto da fronteira da Polônia. Estas duas são fotos da casa, do ponto de vista da estrada por onde se chega.



Foto 3. Mesa de jantar e de trabalho, na casa principal, ocupada por Hèlène Weigel.



Foto 4. Casa vista dos fundos.



Foto 5. Casa vista dos fundos, com jardim.



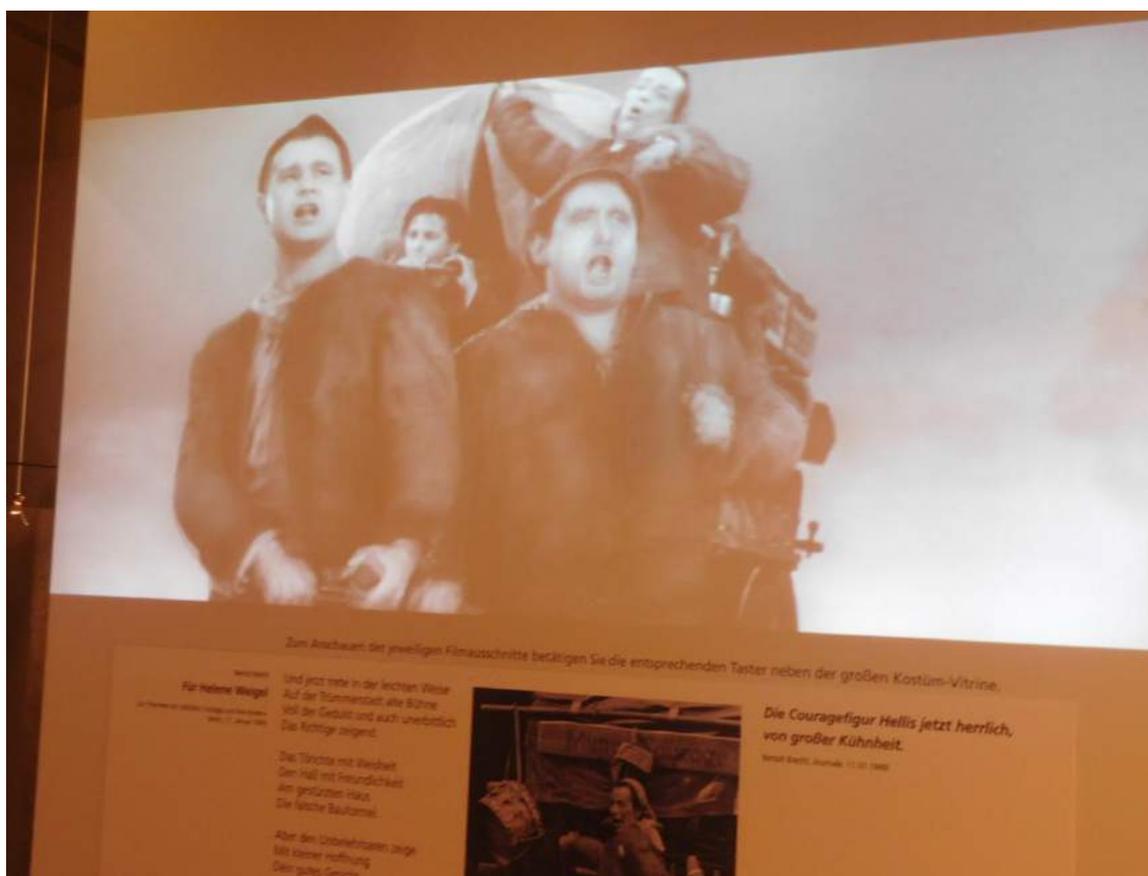
Foto 6. Casa vista dos fundos, mais distante.



Foto 7. Casa pequena, onde às vezes Brecht trabalhava. Hoje é um pequeno museu.



Foto 8. Jardim da casa.



Fotos 9 e 10. Cenas da estreia de *Mãe coragem*, com Hélène Weigel no papel-título.



Fotos 11 e 12. Carroça original da estreia de *Mãe coragem*, hoje conservada na pequena casa/museu.

Submetido em: 14 nov. 2018 – Aprovado em: 28 nov. 2018

Dramaturgia em foco, Petrolina-PE, v. 2, n. 2, p. 121-131, 2018.